

Camara baixa

Já temos deputados. Já temos Camaras. Temos, por conseguinte, tudo quanto é preciso para ouvir dizer asneiras.

Só falta agora o toque a capitulo, em S. Bento, para que a imbecilidade politica, o estylo de relatorio, a banalidade, a *truism*, a eloquencia sorna de sermão franciscano, o gesto largo, empavonado, as attitudes de polichinello e as vergonhas collectivas, alastrem por aquelles restos de mosteiro bento como uma grande nodoa de azeite sobre um mata-borrão enorme.

O mais difficil está feito.

E feito, não pela realza de vontade das multidões, pelo seu direito soberano de eleger representantes segundo a fórmula pôdre do Constitucionalismo, mas pela determinação exclusiva de sua excellencia o Sr. Hintze Ribeiro, que, com os circulos na mão e o Sr. Pereira e Cunha de baixo do braço, dispoz a fauna d'um Parlamento como quem dispõe um jardim de aclimação.

Ha de tudo e para todos os gostos. Militares, advogados, medicos, fósseis, bramões, litteratos, loiros, calvos, gordos, magros, todos os tamanhos, todos os feitios, desde o bonéco de barro até ao bonéco de Saxe, desde os que sabem pedir dez réis de linhas róxas até aos que sabem pedir a carta de Conselho.

A representação nacional deu n'uma representação de comédia italiana, em que o Sr. Hintze foi o *Pierrot* e o Sr. Pereira e Cunha a *Colombina*. As massas coraes, essas é que, pela grande parte, prometttem conservar-se no seu estado mais interessante: a muda. É um estado caracteristico das maiorias. O Sr. Hintze teve occasiã de o constatar, na Camara passada, quando se viu obrigado a responder ao Sr. Malheiros Reymão.



Mas não lhe ficou de emenda. Continuou a ser o mesmo Arlequim dentro da mesma burlêta. A afinidade dos grandes politicos para as grandes nullidades é uma coisa archeologica na historia dos partidos. De cabelleira empoada e de redingôte de sêda, ou de chapéu alto e de sobrecasaca, os grandes chefes sempre se fizeram cercar d'um capitulo de bernardos e d'um conselho de nullos. O Sr. Hintze, por afinidades politicas e pessoaes, não poude furtar se á fatalidade da approximação.

Tinha de ser, desde que a illustre creatura centralizou em si proprio os direitos das multidões, e a realza das vontades.

O Parlamento é obra sua. Foi sua excellencia que inventou aquellas caras biliosas e inexpressivas, aquellas panças de grotesco de cathedral, aquelles bonécos de loiça do Rato, que amanhã hão de aquedar, mudos de espanto e de vacuidade, como na legislatura pretérita, diante das arremettidas do Sr. Reymão ou do Sr. Luciano Monteiro.

E o Sr. Hintze então, levantar-se-ha, no aprumo bronzeo da sua estatua, com o ar de quem anda armando em estátua de si proprio, o craneo agudo, de museu, a furar as abobadas, a bocca cheia das ruinas de Pompéa, e desfiará, n'uma attitude de pintura célebre, adjectivos de mitra preciosa e adverbios de pallio rico, em discursos que apenas terão muito fogo, pelo simples motivo de ter muita estopa.

Chegará então o momento de encomendar aos pintores portuguezes um grupo de consagração suprema, onde, entre pannejamentos de purpura hierática, se perpetúe toda a maioria das Camaras.

Será por concurso, para ficar o peor quadro. E o pintor feliz, bebado de gloria e de dinheiro do Ministerio do Reino, terá pintado para a immortalidade.

É dos *Dialogos dos Mortos*:
— *Qui veut peindre pour l'immortalité, doit peindre des sots.*

BACHAREL.

MIUDEZAS

Romarias de artistas nacionaes para o sagrado templo do reino, cujo orago, o martyr Hintze Ribeiro, quer á fina força fazer o Estado herdeiro das massas que o visconde de Valmor legou á Academia de Bellas Artes de Lisboa, para que ella subsidie pequenos com habilidade afini de que vão ao estrangeiro estudar os segredos e maneira das suas artes.

Hintze tem recebido os artistas nacionaes com aquella amabilidade que o caracteriza e já deixára penhorados ha muito os moços de padeiro que o procuravam e que, valha a verdade, nos seus trabalhos em gesso deixam a perder de vista os artistas nacionaes.

Mas Hintze, que protestou o seu ardente amor pelas Artes mostrando aos reclamantes um esplendido quadro seu, natureza morta, um carneiro cercado de batatas loiras, (convem não confundir com baratas loiras), fez sentir que a respeito de massas não pensa como os artistas. Certo é, na opinião abalada de S. Ex.^a, que as Bellas-Artes do largo da Bibliotheca merecem a maior e a mais rasgada das protecções, tão rasgada, que os pensionistas-artistas possam andar no estrangeiro com as calças em frangalhos, expondo a olhos estranhos coisas que não devem passar dos intermundios da esthetica. Mas pensa S. Ex.^a tambem, e muito criteriosamente, que as Malas-Artes do Terreiro do Paço não carecem de menor protecção e que a economia da valentissima verba que o paiz até agora gastava com os seus pensionistas de Bellas-Artes, vem mesmo nas horas de estalar para a restauração de quadros historicos da vida portugueza como são as *Manobras de Outomno* de Van Pimentel Dyk e o *Fons arranjoram vitæ*, de Fevereiro.

Isto, porem, não quer dizer que os reclamantes não tivessem ganho alguma coisa com procurarem o Sr. Hintze. Pelo contrario.

É indiscutivel que ficaram... *pintoãos!*



São por esta forma prevenidos os novos deputados que desejem ser chuchados pela *Parodia* (metaphora no caso!) de que devem dirigir-nos em carta fechada os seus retratos recentemente tirados com a indicação do nome e ainda das coisas que os fazem dar sorte.

Compreende-se facilmente que nós não temos tempo para andar atraz dos tragalhandanças que saiam do chapéu alto do Sr. Hintze a spanhar-lhe as características das trombas.

Venham, pois, os retratos. Dispendam-se tranças de cabelo e poesias. Os retratos, só, e isso depressinha, seus cabeças de nabo.



Indigna-se o *Popular* por que os jornaes noticiaram ha dias que o Sr. Marianno de Carvalho conferenciára com o Ministro da Marinha.

Que patifaria! Como se o Sr. Marianno fosse capaz de tal desaforo!

E explica o caso assim:

«Ora e caso é que o Sr. Marianno, tendo excellentes uvas moscateis em Azeitão, mandou uns cestitos a varios amigos de Lisboa. Entre elles se conta o Sr. Ministro da Marinha, a quem o offerente disse que eram para envergonhar as do Douro. Hontem o Sr. Marianno, passando pelo ministerio da marinha, entrou no gabinete do ministro, cumprimentou-o a elle e ao Sr. Alpoim, e perguntou-lhe se estava ou não envergonhado o Douro. O Sr. Teixeira de Sousa confessou serem as uvas boas, mas não envergonharem as do Douro.»

Mais nos consta que o Sr. Ministro acrescentou:

—Qual carapuçal Envergonhar as do Douro, uvas que pegaram de estaca com os artigos *Sem vergonha!*?

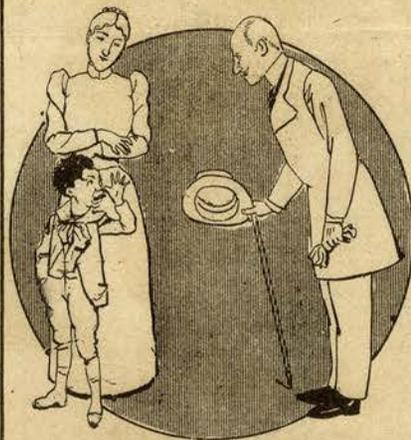


João de Barros, ex-cadete da Gasconha e poeta na effectividade, sae-se-nos com esta sob o titulo *Preludio*:

«E diz, n'um grito que se enlaça a mim entre insultantes e banaes apodos:
—Deus que te dá um coração assim
É p'ra que o dês a todos!»

Vamos com Deus que para *Preludio* não esta nada mau. De resto, o que tem de ser tem muita força.

O homem dos mudos.



Oh! Que encantadôra criança.



Os versos que seguem: *Nas decepções da roleta*, parodia ás *Nas recepções da embaixada*, do Sr. Conde de Monsaraz, são arrancados d'uma revista que o sr Santos Tavares commetten e que teve por local do crime a Figueira da Foz.

Era um *ponto* depenado, dos mil que de lá sahem, que assim gemia:

DECEPÇÕES DA ROLETA

Nas decepções da roleta
O banqueiro audaz sorria
Nunca perdendo a tineta.

Pois tinha ao pé um furreta.
A côrte e a diplomacia,
Nas decepções da roleta.

Quando apumada a Veneta
Na má sorte se revia,
Nunca perdendo a tineta;

Sentia-se ali poeta,
Que outro igual já não havia
Nas decepções da roleta.

Modesto qual violeta,
De tão rara cortezia,
Nunca perdendo a tineta,

E nada, em *pose* correcta,
—Qu'impossivel! — conseguia
Nas decepções da roleta

Apagar a sorte inquieta,
O azar, cruel ironia,
Nunca perdendo a tineta.

A bolla branca—Vedeta—
Que mais *massa* dispendia
Nas decepções da roleta

Corria lenta, indiscreta,
E o banqueiro audaz, sorria
Nunca perdendo a tineta;

Que elle jurou—que pateta!
Que ninguem mais a veria
Nas decepções da roleta.

Na sua caixinha preta,
Ás paradas assistia,
Nunca perdendo a tineta;

Tão sécia—meída letra—
Como quando apparecia
Nas decepções da roleta.

Na sua crença discreta
Surprehendeu-o alguém, um dia,
Nunca perdendo a tineta,

Entre os braços nús d'athleta,
Co'a *massa* que ninguem via
Nas decepções da roleta

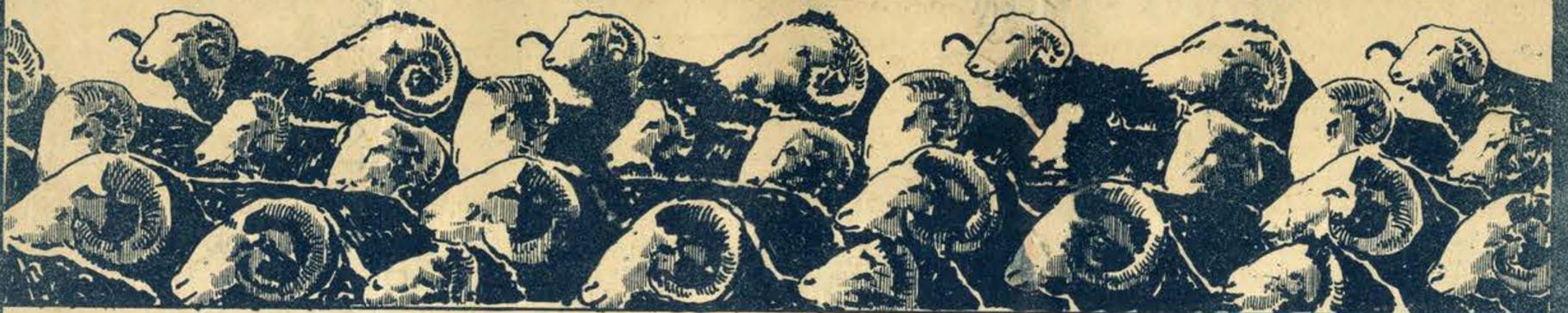
DEPOIS DA VICTORIA

SOUVENT FEMME VARIE...



CIRCULO DE ARGANIL

—N'este circ'lo solitario
—Onde a desgraça me tem,
—Fallo, ninguém me responde,
—Olho, não vejo ninguém!



NAPOLEÃO D'ALGÉS: —Uff! Que victoria, minha querida Josephina Luciana! Agora vamos descansar...
Dormir á sombra dos loiros... Lembra-te da historia dos grandes heroes... Muito juntinhos...
JOSEPHINA LUCIANA: —Pois sim, mas anda lá...

A PARODIA

THEATRO DA TRINDADE



FALAR BEM E ESCREVER PEOR

Pergunta-me Themudo se não poderá dispensar o *h* do seu nome. Pede e deve. O *h* deve ser abolido, por desnecessario. Eu sei o que vão dizer-me: Chagas, chá, etc, sem *h* dão coisas phenomenaes.

Mas, para que queremos o X?

Escreva-se Chagas com X e tome-se chá tambem com x, que não é fraco...

Assim o *ch* tem inconvenientes. Por exemplo: no nome de um professor estimado, o sr. Achilles Machado, se o *ch* tem o valor de *x*, deve lêr-se Axilles Maxado; se tem o valor de *g* deve lêr-se Aquiles Macado.

Ora evita-se isto muito bem escrevendo Aquiles Maxado. E não ha mais confuzões.

C DE F

Em carta dirigida ao Mestre Mariano, e datada de Atelier, 20 de setembro (Atelier é um porto estratégico de reconcentração boer), pergunta cheio de justiça um artista:

«Quem ha que não tenha no seu passado um monomentosito a Souza Martins?»

Estamos de accordo. O monumento a Souza Martins está para nós como os municipaes para as creadas de servir. Qual d'ellas não teve um guita no passado, não tem dois no presente e não espera ter quatro no futuro?

Sinas! Olhe, antes o Queiroz Ribeiro tivesse trocado com a creada!

Afflige-se um collega nosso porque os carros electricos andam por essas ruas a atodo o vapor».

Valha-nos Deus! Carros electricos não andam a todo o vapor.

O collega é que anda a toda a brida.

BIBLIOGRAPHIA

Quiz o nosso velho amigo e collega Augusto Ribeiro obsequiar-nos com um exemplar do seu opusculo *Pro Memoria*, commemorativo da viagem regia á ilha Terceira, patria bem amada do Augusto Ribeiro, nossa, e de outros grandes homens.

Não diremos o que sentimos sobre a obra porque somos suspeitos.

Mas não nos furtaremos ao dever de dizer que ella está á altura do auctor, que é enorme.

E' livro para ser lido no elevador de Santa Justa.

Mil agradecimentos ao excellente amigo e camarada.



A *Bibliotheca Amena* deu-nos outro livro delicado e bom para sentimentaes: *Ruth*. Está a gente a vê-lo já nas mãos das brancas d'alguma nossa leitora que se decida a chorar por conta do auctor...



Recebemos do nosso companheiro de redacção e primoroso homem de letras Camara Lima, uma bella traducção do *Crime e Castigo*, esse grande romance de Dostoievshy, — traducção encomençada pela livraria Favares Cardoso ao nosso brilhante camarada.

Sem duvida alguma, é um trabalho digno da bella obra da litteratura russa, pelo esmero da versão e pela propriedade da linguagem.

Leia, quem ainda não leu.



Reprise dos *Sinos de Corneville*, no Theatro da Trindade. Operetta velha, cantores novos, Queiroz novissimo, — um verdadeiro novissimo... do homem. Guarda roupa á altura da gravidade das circumstancias, — que ao que parece estiveram graves no theatro. Um novo tenor (*avis rara!*) o tenor Almeida, com alma até Almeida, e voz até muito mais longe. Successo em toda a linha, apertos de mão para a direita e para a esquerda, e bonécos na *Parodia*, — o que é uma verdadeira consagração... de tres assobios

A. L. FREIRE



Com ateliers de gravura e grande estabelecimento de papelaria e officinas de typographia, lithographia e encadernador, fabrica de carimbos e suas machinas, armazem das lettras esmaltadas, retratos a creta, yon, calcarias, ferragens, perfumarias, etc., fundados em 1882.

Telephone 947.
RUA DO OURO, 158 e 164

A PARODIA

O 1.º volume encadernado com a capa especial

Preço 2\$500 réis

Capa para encadernação do 1.º volume

Preço 700 réis

A Administração encarrega-se de mandar encadernar o volume pela quantia de **200 réis**.

Os pedidos de volume devem vir acompanhados de 200 réis, e de capa, de 40 réis para porte do correio.

Cascaes na PARODIA ou a PARODIA em Cascaes

PERFIS



Alguns vencedores.

Alguns vencidos.



Estão na mesma...



O Nyassa em Cascaes.

[Handwritten signature]

CROQUIS DAS MANOBRAS



(Do album d'apontamentos de Celso Herminio)